

Você gosta de ler
histórias de vampiros?

ADORÁVEL NOITE

só tem histórias
desse gênero!



ADORÁVEL NOITE FANZINE DE CONTOS DE VAMPIROS

criação-ELABORAÇÃO
- DIAGRAMAÇÃO:
ADRIANO SIQUEIRA
LORD_DRI@ZAZ.COM.BR
HOMEPAGE:
www.contonoturno.hpg.com.br

Agradeço a todos os
amigos dos Grupos

Tinta Rubra
Adorável Noite
Fábrica das Letras
Cryacontos

Camila Moura
www.seducaovampiros.hpg.com.br

Anderson Siqueira
www.misterio2.cjb.net

Adriano Siqueira
www.adrianosiqueira.cjb.net



ADORÁVEL NOITE

<http://www.contonoturno.hpg.com.br>



**Os melhores contos de vampiros
da internet agora em fanzine.**

LIBERDADE PARA LÍSIAS

Por Simone Nardi - siyuran2@yahoo.com.br

Ela olhou uma última vez para seu rosto no espelho, havia uma inocência nele que a assustava. Era com esse olhar que ela conseguira conquistar tantos homens, que ela conseguira dominá-los e levá-los à ruína.

Não, a vida eterna agora já não lhe interessava mais. Ele não fazia mais parte dela. Bastava-lhe olhar para ele e saber que estava ao seu lado para fazê-la feliz, mas agora, ninguém mais poderia amá-la.

A jovem afastou-se em direção a janela, olhando de relance para fora, o céu ainda estava escuro, mas isso também não lhe importava mais.

Ela abriu a porta do apartamento e saiu deixando-a apenas encostada, logo os homens viriam e descobririam o que estava feito. Caminhou lentamente pelo corredor, deixando que seu vestido negro bailasse ao sabor da leve brisa de seus passos, e olhou a pequena chave em suas mãos, era o desfecho perfeito para ela e para seu negro coração.

Abriu a porta e subiu um a um os vinte degraus que levavam a cobertura. Ainda podia se lembrar dos olhos ternos dele, de suas mãos delicadas. Ele não merecia isso, nem a semente do mal eterno que ela plantara em seu coração. Fechou os olhos e inúmeros outros rostos vieram as suas lembranças.

A cada um deles ela dera uma escolha. A cada um deles, ela dera um pedaço de seu próprio coração. Quantos ela não vira envelhecer e morrer? Quantos não vira serem mortos nas mãos dos homens? Que maldição era a sua?

Ela chegou ao final da escada, ergueu a pequena tranca e saiu para fora sentindo a brisa da noite tocando seus cabelos.

Tudo era silêncio.

Virou-se devagar, fechou a porta e trancou-a com a chave que tirara do zelador.

___ É perigoso ficar trancada lá em cima senhorita, ninguém vai poder ouvi-la gritar - lhe falara ele antes de ter o pescoço quebrado por suas poderosas mãos.

Perigoso era viver ao seu lado, pensou ela assegurando-se de que a porta estava bem trancada.

Caminhou então lentamente até a beirada do prédio, alguns poucos carros começavam a se aventurar nas ruas. Esticou a mão com a chave para fora do parapeito e a deixou cair, aguardando que ela tocasse no chão.

Pronto. Estava feito. Não poderia mais voltar atrás.

Lembrou-se então do homem de olhos ternos.

___ Deixe-me ser eterno - implorou ele.

___ Ser eterno não é viver eternamente, é sofrer- respondeu-lhe ela.

___ Mas se me amas, como eu a amo, ficaremos juntos para sempre.

Para sempre. Repetiu ela mentalmente. Outros já haviam lhe falado isso, e haviam se corrompido com o poder incontrolável que ela lhes dava.

A cena então correu lentamente diante de seus olhos perdidos.

Ela o abraçava. Amava-o. Se ele não fosse eterno, o veria envelhecer e morrer como já o vira antes. Sofreria novamente a dor da separação. Não, não queria mais sofrer, não queria vê-lo sofrer.

Mostrou as presas para ele, mas ele ao contrário dos homens mortais, sorriu, tirando a camisa e deixando o pescoço nu a mostra.

___ Vem! - implorou ele.

Ela aproximou-se mais, segurando-o com força, então cravou nele, as presas longas e afiadas sentindo-o estremecer.

O sangue jorrou para dentro de sua boca faminta, e dezenas de imagens começaram a surgir em sua mente. Todos os homens que amara. Todos mortos. Ele não merecia isso. Ela sugou com ainda mais avidez, sentindo o corpo dele esmorecendo em seus braços. Era melhor assim. A morte algumas vezes fazia mais bem do que mal.

Lísias soltou-o, colocando com cuidado o corpo sem vida sobre o sofá. A palidez de seu rosto ainda a encantava. Era uma pena que tudo tivesse que terminar assim.

A brisa leve despertou-a de seus devaneios, ela reviu o rosto pálido pela morte uma última vez, depois afastou-se da beirada do prédio virando-se para onde uma tênue luz avermelhada começava a surgir.

Era o Sol, esse inimigo cruel que viria devorar-lhe o corpo.

Lísias abriu os braços como se o astro rei fosse abraçá-la. Duas lágrimas vermelhas surgiram em seus olhos e desceram por suas faces, como dois rios de tristeza.

Era o fim. Finalmente era o seu fim.

Uma luz de fogo formou-se no alto do prédio com o surgir do sol, algumas poucas pessoas que viram acharam que não passara de um reflexo, mas algo as perturbava. O grito feroz que morreu com as chamas.

___ Liberdade !

ROSE MISTRAL

Giulia Moon

giuliamoon1@yahoo.com.br

AUTORA DO LIVRO “LUAR DE VAMPIROS”

<http://www.giuliamoon.hpg.ig.com.br/index.htm>

Rose Mistral olhou para o relógio de pêndulo na parede. Maravilhosamente antigo, esse negócio de ser pontual. Gostaria de ter nascido inglesa. Batendo ponto como um velho e confiável Big Ben. Mas tinha nascido em São Paulo, no bairro da Aclimação. Ajeitou a jaqueta de vinil preta e calçou os coturnos de solas grossas. Passou o rímel nos cílios. O lápis em torno dos olhos grandes e fundos. Riu. Não eram verdes ou azuis. Eram negros. Ouvia Vanessa Mae - “Hocus Pocus”, música de Focus regravada. Gostava de coisas antiquadas. Era uma maluca antiquada. Abaixou a jaqueta até o meio das costas. Hum, assim todos poderiam ver a sua *tattoo* de rosa. Rose-rosa... Cheia de espinhos. Yeah. Soltou uma gargalhada e deslizou pela janela do apartamento. Ganhou a rua à moda vampírica. Era noite. Mais uma noite de som & fúria...

- Hey, Johnny. Tudo ok?

O garoto de cabelos loiros a esperava no bar da esquina. Ele jamais se atrasaria. Rose não gostava de atrasos. E Rose mandava.

- Tudo em cima, Rose... Agora me dá um beijo.

Ela o segurou pelos ombros e deu-lhe o que pedia. Não era beijo, claro. Era muito melhor. Rose mordeu só um pouquinho. Para os humanos, seria apenas uma carícia mais lasciva entre dois jovens. Para ela, o primeiro gole de sangue da noite. Johnny se assustou um pouco. Mas gemeu de prazer.

- Mais! - O garoto humano pediu.

- Muito mais, dear... - Ela sussurrou no seu ouvido. - Cadê a moto?

Ele montou, orgulhoso, na CB500. Negra como a noite. Boa máquina. Ela montou atrás. As suas mãos introduziram-se sob a jaqueta de couro negro do rapaz. Huuuum... macio e cheiroso. Partiram. Rose dizia para voar. Johnny obedecia. Céu, estrelas, vento na cara. No ouvido, o discman a todo volume. “Sympathy for The Devil”. Música dos Stones por Gun’s and Roses. De novo: Roses & Rose... Antiquada e boa Rose Mistral.

Barzinho caindo aos pedaços no Santo Amaro. Roqueiros adolescentes curtindo o velho e bom Rush. E Kiss. Ahhh, “Rock’n Roll All Night”. O vocalista da banda levava a pequena platéia ao delírio. Rose anotou mentalmente para experimentar aquele sangue um dia. Caliente. Áspero. Vozes roucas costumam dar bom material de coleta. Mas, por ora, tinha o seu Johnny. No fundo do bar, mais uma mordida. Ele ia à loucura. Ela também. Sangue quente, delicioso, generoso. Um gole de cerveja para ele. Ok. Mais uma vez. E de novo.

- Vamos lá para trás, Rose... Lá fora não tem ninguém.

Ia, claro que ia! Rose é toda sua, baby. Johnny, Johnny. Lindos cabelos loiros. Cara, que pinta de inglês... Mais uma mordida. A última. Be good, Johnny... Good bye, Johnny.

Vento na cara. Tinha esquecido de retocar o batom. Never mind. A CB roncando na avenida quase vazia de madrugada de domingo. Alguns caras bonzinhos voltando das casas de suas namoradas ajuizadas. Carrinhos motor 1.0. Rose acelerou a moto, deixando-os pra trás. Garotas más chegaram tarde em casa. Mesmo as mais antiquadas...

Fim

18 de maio de 2003.

Para a moçada do WingHead

AGORA

SILVANA FERREIRA
miladyluar@ig.com.br

É chegado o limite. Meu corpo não agüenta o peso dessa morte e preciso me libertar.

Olho pela última vez a cidade adormecida e embalada por suas ilusões. Vejo as luzes que brilham ao longe e lágrimas descem por minha face. O sorriso que outrora estampava meu rosto deu lugar ao frio que brota de minha alma.... Minha alma.... já não tenho mais alma, já não tenho mais nada...

A visão que percorre minha retina gela meus ossos, paralisa meus movimentos, tudo volta ao meu redor: a rapidez com que fui tomada novamente me atordo e mais uma vez pareço perder a lucidez. A sensação de dentes agudos penetrando meu pescoço ainda é quente, sinto o prazer invadir meu corpo, o gosto do sangue que bebo é inebriante. A princípio o êxtase é delicioso, mas logo se transforma em dor e consciência de que já não existo mais para esta vida. Permaneço inerte por momentos que me pareceram uma eternidade, somente ouvindo o riso sarcástico daquela fera que havia me transformado na criatura que, em meus sonhos mais sombrios, jamais acreditei existir realmente: uma vampira. Não consigo falar, não consigo gritar, não consigo mais viver. E seu riso destrói minhas esperanças, meus desejos. E tão sem explicação como surgiu, desapareceu em meio à névoa fria que envolvia a rua por onde eu seguia para casa.

O tempo que correu depois de minha transformação não sei qual é. Sinto somente que minha memória recusa-se a registrar os atos que pratiquei tentando sobreviver. Os gritos das vítimas que suguei a vida ecoam em minha mente, atormentando os segundos dessa dolorosa eterna existência. Os passos angustiantes que tenho dado levam-me somente a cada noite constatar que não tenho mais saída. Um suspiro sai de onde um dia pulsou meu coração e penso em todas as belas experiências que tão injustamente foram-me tiradas, em todos os planos de minha existência humana que cuidadosamente planejei realizar, em todos os sonhos que jamais poderei concretizar...

É agora! Não mais serei injusta como um dia foram comigo, não mais levarei ao fim pobres inocentes, não mais ceifarei vidas em nome da minha, não mais pensarei, não mais sentirei. E quando a dor da verdadeira morte finalmente tomar conta de meu corpo, sorrirei novamente, pronta para me reencontrar!

(Carta anônima encontrada no heliporto do edifício mais alto da cidade, cuidadosa e misteriosamente envolta em um belo vestido longo azul, com uma estaca de madeira transpassada na altura do peito...)



descaminhos...

Katia Oliveira

honoravel_shiva@yahoo.com.br

Em outros tempos eu vi a vida passar por meus dedos
Em outras vidas senti o mundo caminhando
Em outros lábios descobri novos e profundos medos
e novamente agora vejo meu tempo se acabando
Enrolada dentro de mim e covarde percebo
como soam escuras as brumas da tristeza
Sem poder chorar por meu nobre macebo
Sem ver a luz de adoradas belezas
choro as chuvas de primaveras e verões esquecidos
De ternuras e maldades ressecadas
no hálito da morte sinto seus avisos
Em suas garras o frio contínuo da alvorada
nos sussuros das folhas que se foram no abismo
nos dedos ressequidos da afiada perda dos sentidos
aqui sentada nessa pedra então eu cismo
refletindo sobre os tempos eternamente perdidos
De um passo maior que poderia das trevas
restaurar minha carta de alforria...
pensando no dia em que eram apenas adões e evas
busco a certeza do fim da melancolia.

A noite ficou mais escura do que antes?

Bárbara

barbaracoelho@terra.com.br

Mais uma noite de sábado
Nada para fazer
Sentada aqui neste cais
Olhando o navio que se aproxima
Embarcação velha
Pintura gasta

Alguns minutos e ele para aqui perto
Está tudo quieto
Corro para ver o que tem
"Devo me aproximar?" - Eu me pergunto
Eu me aproximo.

Um vulto. Pude senti-lo perto
Cheguei bem perto e senti um cheiro muito ruim
Parecia algo podre... morto?
Foi quando ele apareceu
- O que aconteceu? - Você está bem? -
Perguntei a ele.
Ele sorriu... mas que sorriso
E os olhos. Ah, seus olhos...
Chamavam-me

Ele me perguntou o que eu queria
Por que eu estava ali
Fiquei calada, ele sorriu novamente
Veio na minha direção
Me afastei, me desculpei e dei as costas
para ele
Meu pior erro...

Senti algo me agarrar
Seus dedos eram gelados
Ele me puxou com muita força
Fiquei com medo
Mas quando colou seu corpo no meu...
fiquei excitada

Seus lábios beijando meu pescoço...
eram gelados
Eram excitantes
Sentia angústia... medo... pavor
Mas ao mesmo tempo queria que ele
não parasse nunca

Mas os dentes... aquilo não era normal
lambia meu pescoço com voracidade
Me deitou no chão
rasgou minha blusa
Estranho... eu queria
Olhou bem fundo nos meus olhos e
disse:
- Você será minha!
Não soou como uma ordem... mas sim
como uma afirmação, um desejo

Senti sua mordida
Enquanto me penetrava, ali mesmo no
chão do cais,
Sugava todo o meu sangue... sem dó
Até que chegamos juntos ao êxtase

Fiquei ali deitada por algum tempo...
ofegante
Senti algo escorrer pela minha boca
Desejei mais... senti uma dor forte no
estômago
- Está morrendo para viver para mim. -
Ele disse.

A dor passou
Fiquei deitada olhando o céu e ele me
perguntou:

- A noite ficou mais escura do que
antes?

Uma mosca na minha sopa

por Adriano Siqueira

lord_dri@zaz.com.br

- Alexandre! Você vai perder a hora de novo!
Minha mãe sempre foi muito rígida quando o assunto é escola mas, hoje era um dia especial. Era sexta-feira 13.
Hoje finalmente terei meu presente. Faço 18 anos e na nossa família, quando chegamos nesta idade, nos transformamos em criaturas sobrenaturais.
Meu pai é um feiticeiro e as suas mãos são feitas de galhos de árvore.
Minha avó e meu avô são duendes e usam muito a sua magia para entender o mundo e ajudar os necessitados. Claro que eles tem um pote de ouro guardado no sótão da nossa casa.

Minha irmã é uma vampira. Tem 23 anos e vive caçando seus namorados que geralmente não se encaixam na sociedade.
Minha mãe é uma bruxa. Isso ajuda muito na limpeza da casa, garanto!
É estranho. Nunca sabemos qual ser sobrenatural seremos, mas uma coisa é certa, na primeira Sexta-feira após ter feito 18 anos eu serei um deles e hoje o dia era meu.
Todos estavam na mesa do café da manhã alegres e esperando o meu presente de transformação que chegará com o decorrer do dia.
Olho o café com as bolachas e as torradas. Meus olhos começam a arder e fico olhando a comida sentindo finalmente que ocorre o primeiro passo para a mudança.
Eu vomito em cima da mesa e a comida fica como se fosse uma pasta. Todos que estão lá ficam me olhando preocupados com a primeira mudança que estava acontecendo. Eu tentava falar mas a saliva da minha boca era tão grossa que parecia estar mascando muitos chicletes ao mesmo tempo. A mesa queimava. O vômito parecia ácido e eu estava me alimentando com o cheiro. Estava me sentindo satisfeito com o odor. A minha língua, que agora estava parecendo um canudo sugava toda a comida da mesa.

Usei o gardanapo para limpar a boca deste delicioso café da manhã mas, outra mudança estava acontecendo. Minha orelha caiu na mesa. Logo em seguida meu nariz e algumas partes da minha pele iam saindo do meu corpo como uma casca. Braços começam a crescer. As asas saem das minhas costas. Tento gritar mas minha língua estava grudada na língua que era maior como um canudo.
Finalmente eu vi que minha família tinha um cheiro muito bom. Seria um verdadeiro banquete.

Quando eu estava perto de pegar minha primeira vítima a minha irmã vampira puxou minhas asas e fui golpeando com um mata-moscas gigante e disse:

- Se comporte menino. Vai logo pegar a sua mochila ou vamos perder a primeira aula.